

A IMPORTÂNCIA CULTURAL DO TEATRO DE BONECOS EM MOGEIRO PB, PELAS MÃOS DE SEU PAULO DO BOI

Vitória Olimpia Albertini Gondim
Graduanda em Licenciatura História pela UFCG
Vitoriagondim2@gmail.com

RESUMO

O presente estudo possui como proposta o resgate histórico e cultural local de Mogeiro pelas mãos de Paulo José da Silva que aos 80 anos confecciona bonecos de babau e animais manualmente, engrandecendo a cultura local e proporcionando o resgate histórico através do desfile realizado no carnaval, o seu “bloco da boneca” que leva a amostra todas as suas obras. Cultura que prevalece até hoje pelas mãos do mesmo artesão depois de mais de 50 anos, tendo a oportunidade de fazer a análise de história oral, que nos conta como foi trazida a cultura e suas dificuldades na permanência no município de Mogeiro na Paraíba, resgate importante para o registro da arte local que é esquecida e perdida no tempo, para a análise de história oral fazemos diálogo com Le Goff, que trabalha a história oral na partilha de idosos com o historiador.

Palavras-chave: Mogeiro; Boneco de Babau; História local.

INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado é um dos objetos de pesquisa desenvolvida para resgatar a história local da cidade de Mogeiro, na Paraíba. Este trabalho tem como peça principal seu Paulo da Silva, que aos 80 anos de idade se dedica a confeccionar seus bonecos. Apesar de ter uma idade bastante avançada, seu Paulo rompe barreiras do conhecimento e de classes sociais. Tive o privilégio de conversar com seu Paulo, onde ele partilhou suas memórias e seus desejos de confeccionar seus bonecos. Para compreender melhor a fala de seu Paulo, utilizei como base para as entrevistas de História oral, o livro de Le Goff²³⁶. Onde ele explica de que forma devemos interpretar o relato, já que a história contada por um idoso por vezes é falha, como acontece na divisão temporal que ele cria para contar fato do seu cotidiano.

²³⁶ Le Goff, História e memória. Editora Unicamp, 1990

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

A importância cultural confeccionada por seu Paulo é uma história viva que rompe gerações, enfrentando as dificuldades de confeccionar seus bonecos, uma vez que vivia de engenho em engenho procurando a sobrevivência, comparando aos dias de hoje, que é prioritariamente tecnológico, deixando de lado a simplicidade de como seu Paulo detalha em sua entrevista “arma uma torra e brincar a noite toda”. Hoje corre-se o risco de ficar esquecido no tempo já que os próprios cidadãos não têm conhecimento sobre a cultura do teatro de bonecos e não mencionam interesse na preservação, e o interesse em dar continuidade na cultura do teatro de bonecos na cidade de Mogi. Esta falta de interesse é relatada por ele em sua entrevista *Já pejei para alguém aprender a fazer os bonecos, mais ninguém quer. Diz que é muito difícil. E que não tem jeito pra fazer...* (Paulo Jose da Silva, 2018)

O seu bloco de carnaval é lembrado por muitos da cidade, até os dias de hoje, podemos ver em tempo de carnaval o bloco na rua, composto por crianças e burricas e bonecos confeccionados por seu Paulo, o qual não poderia ficar de fora, fazendo questão de não deixar a criançada de seu bairro ficar sozinha. Todo alegre, sai junto ao seu bloco, que a mais de 30 anos desfila, enfrentando suas dificuldades, mas com sua simplicidade abrilhanta a pacata cidade de Mogi.

Seu trabalho foi reconhecido pela pesquisa elaborada por Isabela da Costa Brochado que consistiu no dossiê apresentado ao IPHAN parava a solicitação do título de patrimônio cultural do Brasil, em setembro de 2014²³⁷. Seu Paulo guarda seus certificados e premiações como tesouro. Participando como um dos protagonistas da pesquisa, motivou-se, apesar das dificuldades enfrentadas, a não desistir, característica esta citada por Isabela em seu artigo; e por Seu Paulo em entrevista. *Isso é história cultural do Brasil, eu não vou parar de fazer não...* (Paulo Jose da Silva, 2018)

Nosso foco não se compõe nas datas e registro cronológico, por se tratar da história oral concedida por seu Paulo, às datas passam a ser dificilmente lembradas por seu ele devido a sua idade avançada, que, entretanto, não se torna uma problemática, já que sua lucidez faz com que a sua narrativa se torne um quebra-cabeça no qual podemos compreender o tempo a que ele se refere.

²³⁷Izabela da Costa Brochado. Teatro de bonecos popular do nordeste- Mamulengo, babau, João redondo, e Cassimiro coco: patrimônio cultural do Brasil, revista arte da cena, Goiana v.1 p.67 a 87. Outubro de 2014/março de 2015. Disponível em [HTTP://www.revistas.ufg.br/index.php/artce](http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce). Acesso em 10 de agosto de 2018.

O TEATRO DE BONECOS

O teatro de bonecos é uma cultura nordestina, que teve seu trabalho resgatado recentemente, com uma pesquisa, que levou anos e ligou os estados de Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Brasília. Em cada região se dá um nome diferente a seu boneco, em Pernambuco é chamado de mamulengo, na Paraíba babau, no estado do Rio Grande do Norte, Cassimiro coco e em Ceará João redondo. Os bonecos geralmente são confeccionados em madeira, feitos a mão, cada brincante, é como são chamados os artesãos que produzem e encena tem seu jeito e sua característica personificada de produzir seu boneco, alguns deles são mecânicos com movimentos de boca e olhos. Mais não é o caso de seu Paulo, que constrói o corpo dos bonecos em pedaços de madeiras únicas, sem ser separados pela cintura.

Sua pintura é de traços simples, que transmite o esforço que seu Paulo enfrenta a pintar seus bonecos com pouca visão e sem recursos.



(Foto acervo do autor)

TRAJETÓRIA DE VIDA

Seu Paulo José da Silva nasceu em 26 de junho de 1937. Viveu no interior de Recife- PE, onde passou sua infância junto com seus pais trabalhando nos engenhos da

região. Ele, em sua entrevista relembra que *a usina olho d'água*, sua diversão quando ainda criança, era a cria dos seus bonecos, onde montava seu espaço, que ele chama de *tora*²³⁸. Que era a madeira por onde os bonecos ficavam para fazer a dramatização da história. Era um momento de diversão para todos que trabalhavam arduamente nos engenhos e que se encontravam nas *vendas*²³⁹, para conversar e jogar dominó.

“O primeiro que me chamou foi um caba que tinha uma venda, di primeiro chamava venda não tinha essas coisas de supermercado não, ai me chamou, ai... Me chamou, lá dentro do engenho, La no barracão dele, ai eu cheguei , tava lá era difícil compra um pano , mai ai a gente fazia de saco, ai a gente foi, brincava aculá a noite todinha, era comprando, era tomando cachaça, e a gente brincando aculá” (Paulo José da Silva,2018)

Sua vinda para a cidade de Mogeiro se deu ao logo de muito tempo, enquanto procurava trabalho. Quando tinha em média seus 12 anos, veio à cidade de Mogeiro para trabalhar, na produção de agave e cana-de-açúcar, e diante desse vai e volta, procurando de engenho a engenho à procura da sobrevivência, veio definitivamente para Mogeiro. Ele lembra que a cidade era ainda conhecida como Riacho Mogeiro, em memória ao riacho que cruzava o local.

Diante das idas e vindas seu Paulo casou-se e começou a morar em Mogeiro, trabalhando como pedreiro, carpinteiro e agricultor. Em um de seus dias de trabalho onde ele pintava uma casa com *cal hidratado*²⁴⁰, a substancia caiu em seu olho e por ela ser muito agressivo e ele não possuir precauções de segurança durante o uso além de não se dar conta do que poderia vir a acontecer, ao longo dos dias a sua visão foi sendo afetada , ao ponto de ter que tirar o olho atingido. Mesmo com seu acidente, ele não deixou de lado a produção de seus bonecos, agora com sua deficiência visual e idade avançada.

Em foto seu Paulo confeccionando um braço na madeira, em seu ateliê, que fica ao lado da sua casa, uma simples casa de barro.

²³⁸ Tronco de uma árvore que é utilizado para construir o cenário em que o brincante manipula seus bonecos.

²³⁹ Estabelecimento de venda de alimento e utensílios de cozinha e vestimenta

²⁴⁰ Qualquer produto (pulverulento, pastoso etc.) resultante da hidratação da cal virgem. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=o+que+%C3%A9+cal&oq=o+que+%C3%A9+cal&aqs=chrome..69j57.4595j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 26 de agosto de 2018.



(Foto acervo do autor)

Em 2009, foi convidado a participar do encontro de teatro de bonecos em João Pessoa, onde mostrou seu trabalho junto com outros brincantes. Recebeu seu mérito por suas criações e o reconhecimento, já que o encontro fazia parte de um dossiê que foi entregue ao IPHAN, que até hoje ele guarda seu certificado com muito carinho além de sua foto com os demais participantes. Não sabendo que em 2015 o teatro de boneco de babau seria tombado pelo IPHAN, com o resultado da pesquisa feita por Isabela da Costa Brochado, tornando suas obras patrimônio cultural do Brasil. O resultado de sua apresentação que gerou entusiasmo é citado no dossiê apresentado ao IPHAN onde sua mulher relata todo seu empenho depois do seu reconhecimento:

Ainda sobre o tema, a equipe de pesquisa da Paraíba ressalta: As principais surpresas que tivemos foram com o estado de motivação que os brincantes se encontravam. Após terem participado do 1º Encontro de Brincantes do Babau da Paraíba, em maio de 2009 na cidade de João Pessoa, muitos Mestres voltaram às suas casas decididas a não mais parar de brincar o Babau. Isso porque alguns já não brincavam mais há algum tempo. Ao chegarmos à casa de Mestre Paulo (Mogéiro-PB), por exemplo, sua mulher perguntou: “Vocês são de João Pessoa?” Respondemos: “Somos!” A Senhora: “Pois minha gente, depois que esse home voltou de João Pessoa, não parou mais de fazer buneco. A vida dele é nesses buneco, já pegou pau, já fez cabeça, já fez foi coisa demai...” (dossiê Teatro de Bonecos Popular do Nordeste Mamulengo, Babau, João Redondo e Cassimiro Coco Como Patrimônio Cultural do Brasil, Brasília, junho de 2014 pag37)

Seu Paulo faz um recorte automático de quando fazia seus bonecos, mas ele não expressa noção de que o fato foi ocorrido a mais de 40 anos atrás, tenta lembra nome de coronéis que já faleceram e pessoas importantes na cidade. O seu tempo se limita a criação de uma linha temporal que não enfatiza os anos em que ele não brincava, ele

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

lembra-se aparte do momento em que ele se torna peça chave de uma pesquisa de Isabela Brochado que foi feita a nove anos, e depois relata suas lembranças 40 anos atrás, como ele começou a produzir e a brincar. No livro de Le Goff podemos ver essa orientação feita pelos olhos de Bloch:

Marc Bloch não aceitava que esse trabalho fosse estritamente tributária da cronologia: seria um erro grave pensar que a ordem adotada pelos historiadores nas suas investigação devessem necessariamente modelar-se pela dos acontecimentos , para restituírem a historia o seu movimento verdadeiro, seria muitas vezes vantajosos lerem-na , como dizia Maitlat “ ao contrario”{IBID,PP.48-49}. Daí o interesse de um método prudentemente regressivo [IBID.p 55]. Prudentemente, isso é, que não transporte ingenuidade o presente para o passado e que não procure por outras vias um trajeto linear que será tão ilusório Omo o sentido contrario. Há rupturas e descontinuidade inultrapassáveis de um sentido para p outro. (LE GOFF pg.12 anos: 1990)

O BLOCO DA BONECA

O bloco da boneca foi criado por seu Paulo cerca de 40 anos atrás, quando reunia amigos e crianças para brincar carnaval em seu bairro em Mogeiro.

Apesar de simples, seu bloco é tradição em Mogeiro, tendo seu registro até pela câmara municipal de vereadores da cidade.

Tive o privilégio de ver seu desfile neste ano de 2018, tendo em seu desfile o boi que é referencia a seu nome, a *burrica*, *alauça* e *papangu*.



(Foto acervo do autor)

DIFICULDADES E PERMANECIAS

Diante de suas dificuldades, seu Paulo sempre foi perseverante não só sobre sua trajetória. A matéria prima do boneco feito de madeira é tirada por ele, que faz a seleção dos pedaços de madeira dentro vegetação de seu bairro. Seus instrumentos para confecção já estão bastantes gastos, e ele não possui de todas as ferramentas, tanto que na nossa primeira foto podemos ver na foto ele confeccionando a mão com uma faca que não é apropriada.



(Foto acervo do autor)

A sua pintura é feita por ele mesmo, que encontra bastantes dificuldades na falta de tinta específica, já que não possui nenhum incentivo financeiro, Tanto que a maioria é comprada por ele para pagar depois, quando receber sua aposentadoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha grande motivação de escrever este artigo foi para mostrar que em nosso cotidiano estamos convivendo com uma cultura preciosíssima, que na da maioria das vezes passa despercebido por não darmos importância à trajetória de vida e suas

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

dificuldades enfrentadas. Cultura e arte não se limitam a serem considerados monumentais mais sim, a serem impactantes diante da realidade que nós vivemos. O belo está na superação de vida, na permanência da arte. Esta é a importância cultural do teatro de bonecos.

A historicidade permite a inclusão no campo da ciência histórica de novos objetos da história rural, das mentalidades, da loucura, da procura de segurança a través da época, chamarmos de non-événemential a historicidade de quem não temos consciência enquanto tal.(LE GOFF,P. 120 ANO:1990)

Preservar essas memórias é fundamental para a construção de um país secular. A história não se limita apenas a história dos senhores economicamente bem, pessoas de nome conhecido ou apenas história da área urbana , a história é tudo que vemos, seja ela rural, das mentalidades, ou de classes sociais pobres (LE Goff. p.136. ano: 1990).

Preservemos a cultura local para se construir um país com mais consciência, respeito e educação para as novas gerações saberem a importância imaterial que nosso país produz.

REFERÊNCIAS

BROCHADO, Isabela da Costa. **Teatro de bonecos popular do nordeste-mamulengo, babau, Cassimiro coco:** patrimônio cultural do Brasil. arte da cena. Goiânia, v. 1 n. 2, pagina 67-87, outubro de 2014/ marco de 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Editora Unicamp. Campinas- SP ano: 1990.

SILVA, Paulo José da. **Depoimento** [junho, 2018]. Entrevistadores: Vitoria Olimpia Albertini Gondim. Mogeiro: Mogeiro, 2018. Entrevista concedida a pesquisa deste presente artigo.